



FORAM MAIS DE DOIS MESES DE ESPERA PARA A DONA-DE-CASA ERENICE SOARES CONSEGUIR MARCAR A CONSULTA DO FILHO LUCAS, DE APENAS UM ANO

# Na fila de espera

Dante Accioly  
Marcelo Rocha  
Da equipe do **Correio**

Os portões do Centro de Saúde nº 1 de Recanto das Emas estão fechados há mais de cinco horas. Já é lua alta quando o autônomo José Carlos Borges Serra, de 30 anos, se recosta junto à grade do posto e espreita o prédio vazio. Ele quer marcar uma consulta para a mulher com o ginecologista.

Quem passa pela rua fria estranha aquela figura que espera atendimento médico às 23h. Será que José Carlos não percebe que o Centro de Saúde está fechado e não vai abrir tão cedo? Mas ele já sabe disso. José Carlos resolveu passar a noite ali para aguardar que as portas estreitas se abram às 7h do dia seguinte. “Se não pernoitar aqui, não consigo um lugar na fila para marcar a consulta com o doutor. Preciso ter paciência.”

Esperar é um verbo que os usuários dos Centros de Saúde do DF aprenderam a conjugar em primeira pessoa. Muitos deles saem de casa antes de o sol raiar e enfrentam a madrugada fria. Ficam de prontidão em frente aos 64 postos em atividade no DF. Quem se dá ao luxo de dormir um pouco mais e pegar a fila após as 5h corre o risco de voltar para casa sem consulta médica.

Foi o que aconteceu com a pensionista Carmelita Batista Velela, 36. Ao contrário do autônomo José Carlos Borges, ela só chegou ao Centro de Saúde de Recanto das

Kléber Lima 22.8.01



USUÁRIOS MADRUGAM NAS FILAS NO RECANTO PARA GARANTIR SENHAS

Emas às 6h — uma hora antes de o atendimento começar.

Carmelita pegou o 24º lugar na fila e não conseguiu assegurar uma das 20 vagas para a consulta com o ginecologista. “É a terceira vez que tento marcar essa consulta. O Recanto das Emas é perigoso, e tenho medo de chegar de madrugada para pegar um lugar melhor na fila”, conta.

## DEFASAGEM

A carência de profissionais ajuda a entender tanta demora no atendimento. Os quadros da Secretaria de Saúde têm uma defasagem de 1.178 médicos, 169 enfermeiros e 46 dentistas. O rombo no quadro é reconhecido pelo próprio GDF.

O Relatório de Atividades 2000 da Secretaria de Saúde revela

que o atendimento primário à população — como o Programa Saúde da Família — foi prejudicado pela falta de médicos. Segundo o documento, “a alta rotatividade do profissional é fator restritivo ao desenvolvimento das ações de saúde”.

Quem sai prejudicada é gente como a dona de casa Erenice Soares Costa, 24. Ela chegou cedo ao posto de Planaltina no último dia 21 de agosto. O filho dela — Lucas, de apenas um ano — aguardou dois meses para ser atendido. “Marquei a consulta em junho e só tinha vaga para hoje”, explica a mãe.

## SEM ATRATIVO

Os funcionários do posto agendam 15 consultas pediátricas por semana. “Já vim aqui outras duas vezes, e não tinha mais vaga. O médico atende direito: o problema é conseguir chegar até ele. Tem gente que dorme aqui para achar vaga”. O promotor Carlos Alberto Cantarutti, da Promotoria de Defesa da Saúde (Prosus), sustenta a mesma tese. Para ele, “os médicos não vêm atrativos para atuar no serviço público.”

Dos 479 processos gerados pela Prosus desde 1997, apenas sete (1,46%) dizem respeito a queixas contra centros de saúde. “Se

as reclamações não são frequentes, o estrangulamento dos hospitais é indício de que há problemas nos postos de saúde. O usuário prefere ir direto ao hospital para curar uma dor de cabeça”, afirma Cantarutti.

## SALÁRIOS BAIXOS

O presidente do Sindicato dos Médicos do DF (Sindimédico), Arnaldo Bernardino, explica que o salário pago pelo Governo não estimula os profissionais. “A Secretaria de Saúde abriu concurso para 729 vagas. Dos 150 médicos que assumiram em junho, 110 pediram demissão no primeiro mês de trabalho.” O salário pago pelo GDF é de R\$ 1.214,08, enquanto o piso defendido pelo Sindimédico é de R\$ 2,4 mil.

O secretário de Saúde, Jofran Frejat, reconhece a defasagem dos salários pagos aos médicos da rede pública. Segundo ele, o governador Joaquim Roriz assinou um decreto que estabelece gratificações para profissionais interessados em trabalhar 40 horas semanais em postos de saúde. O contrato regular entre os médicos e a Secretaria de Saúde é de 20 horas semanais.

De acordo com o decreto, a remuneração saltaria de R\$ 1.214,08 para cerca de R\$ 4,3 mil. “A população está aflita, e eu também. Mas a demora no atendimento é algo que não tem uma solução imediata. Até o final do ano, com esse novo incentivo, vamos resolver a questão da carência de profissionais nos centros de saúde.”

Cerca de 110 dos 2.683 médicos do sistema público já contam com a gratificação, que deve se estender a outros 1.390 profissionais. Este ano, o GDF deve abrir concurso para 600 médicos e, até 2002, construir centros de saúde em Águas Claras, Sudoeste e Sobradinho II.

A Secretaria de Saúde inaugurou cinco postos de saúde nos últimos dois anos. Foram beneficiadas as comunidades de Santa Maria (duas unidades), Samambaia, Taguatinga e Ceilândia.

## A ROTINA NOS POSTOS

### NO GAMA

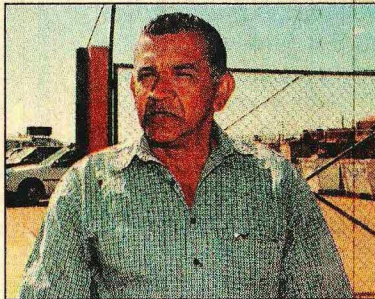
A dona de casa Lourdes Pereira dos Santos (foto), 50 anos, chega ao Centro de Saúde nº 3 do Gama. É tarde para conseguir uma senha e marcar a consulta médica. Trinta números foram distribuídos — quantidade insuficiente para atender a todos que procuravam pelo atendimento médico naquela manhã. “Disseram para eu chegar mais cedo na próxima segunda-feira”. A disparidade entre a procura e o número de consultas oferecidas nos postos médicos é uma das maiores queixas. Os pacientes dizem que nem sempre há médico no consultório na hora e dia marcados para a consulta. O médico Mário Sérgio Nunes, diretor da Regional de Saúde do Gama, não tira a razão dos usuários. “O sistema de marcação de consultas está longe de ser o ideal, mas tem sido a forma encontrada por alguns diretores dos centros de saúde para administrar a defasagem de recursos humanos”.



Fotos: Kleber Lima

### EM SANTA MARIA

Segunda-feira, 6h. Um vento frio capaz de incomodar os mais precavidos sopra no terreno desampado próximo do Centro de Saúde nº 2 de Santa Maria. Do lado de fora, vinte pessoas fazem fila à espera das senhas para marcar consultas. O medo de não conseguir atendimento arranca muitos da cama durante a madrugada. “Se a gente não madruga, não marca consulta”, reclama Edna Rodrigues. Ela queria evitar a situação vivida na semana anterior, quando ficou sem senha. A via-crúcis até o guichê de marcação de consultas não termina com a distribuição dos números. Um dos últimos da fila, João Carvalho da Cunha (foto) esperou mais duas horas para ouvir sua senha ser chamada. Na loteria que é acordar cedo e aguardar pelo número da sorte, a segunda-feira foi um bom dia para os pacientes. João só voltou para casa depois de ser consultado. “Tem dia que a gente tira a sorte grande”.



### NO PARANOÁ

O nariz de Jackson Lopes Gonçalves, de 8 anos, não pára de sangrar. A cabeça não pára de doer. O menino foi levado ao médico do Centro de Saúde nº 1 de Paranoá, que pediu exames de fezes e raio-X para identificar a razão do problema. A tia do garoto, Maria Batista Lopes, não quis esperar os 30 dias exigidos pelo posto para entregar o resultado dos testes. Resolveu pagar R\$ 65 e realizar os exames em clínica particular. Ela voltou ao Centro de Saúde de Paranoá para apresentar os exames no horário marcado para a consulta. Mas só foi atendida após duas horas de espera. “Este pessoal pensa que a gente não tem o que fazer. Mas eu tenho muito o que fazer”. A diretora regional de Saúde da cidade, Maria Cristina Souza Cunha, explica que o posto funciona em três turnos para atender a demanda da população. “Como não há serviço hospitalar por perto, todo mundo é atendido aqui”.



### NO RECANTO DAS EMAS

Gorro de lã na cabeça, cobertor marrom sobre as pernas e agulha de crochê nas mãos. É assim que a vendedora Francisca Teixeira, 35 anos, mata o tempo enquanto espera atendimento no Centro de Saúde nº 1 de Recanto das Emas. Na última quarta-feira, ela acordou às 3h20 da manhã para garantir um bom lugar na lista de espera. Conseguiu guardar a sétima colocação numa fila que dobrava a esquina do prédio. Só foram distribuídas 20 senhas entre os pacientes. Francisca precisa da consulta com o ginecologista porque quer mudar a marca de anticoncepcional que usa. Decidiu madrugar depois de ficar do lado de fora em cinco ocasiões. Primeiros colocados da fila, o autônomo José Carlos Borges e o filho Wanderson (foto), explicam que às vezes há briga entre os usuários. “Quando já tem muita gente e chegam três pessoas ao mesmo tempo, o povo decide quem fica com o lugar no tapa”.

